



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/06/2018 a 14/06/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/06/2018	9,69	357,80	30,52	5,20	3,77
11/06/2018	9,53	351,20	30,58	5,14	3,67
12/06/2018	9,54	353,50	30,05	5,34	3,77
13/06/2018	9,36	347,70	30,08	5,16	3,76
14/06/2018	9,27	343,20	30,14	5,01	3,63
Média	9,48	350,68	30,27	5,17	3,72

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	76,50	ND
RS - Santa Rosa	76,00	ND
RS - Ijuí	76,00	ND
PR - Cascavel	75,00	ND
MT - Rondonópolis	69,00	ND
MS - Ponta Porã	71,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	71,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	65,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	174,00	ND
Paraguai (FOB)**	175,00	ND
Paraguai (CIF)**	195,00	ND
RS - Erechim	42,00	ND
SC - Chapecó	42,00	ND
PR - Cascavel	39,00	ND
PR - Maringá	39,50	ND
MT - Rondonópolis	27,00	ND
MS - Dourados	35,00	ND
SP - Mogiana	39,00	ND
SP - Campinas (CIF)	40,50	ND
GO - Goiânia	34,00	ND
MG - Uberlândia	38,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	900,00	ND
RS - Santa Rosa	900,00	ND
PR - Maringá	1.150,00	ND
PR - Cascavel	1.050,00	ND

Período: 13/06/2018

ND = Não Disponível.

(*) Semanal

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/06/2018

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	36,51	72,59	41,07

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/06/2018

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	36,90
Feijão (saco 60 Kg)	129,88
Sorgo (saco 60 Kg)	24,67
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,18
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,07
Boi gordo (Kg vivo)*	4,92

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a recuar fortemente nesta semana, fechando a quinta-feira (14) em US\$ 9,27/bushel, contra US\$ 9,74 uma semana antes. O mercado, aos poucos, está buscando o piso de US\$ 9,00/bushel, cotação que não é vista desde meados de março de 2016 (US\$ 9,02/bushel).

A falta de definições em torno do litígio comercial entre EUA e China, e principalmente o excelente andamento da atual safra estadunidense, com um dos melhores climas da história até o momento, derrubam os preços em Chicago. Diante de tal contexto, os Fundos atuam fortemente na parte vendedora de contratos, puxando ainda mais para baixo as cotações. Apenas nos 10 primeiros dias úteis de junho o bushel de soja recuou 9,2%, perdendo quase um dólar de seu valor. O farelo igualmente despencou, recuando 8,3% no mesmo período, enquanto o óleo de soja perdeu 3,4%. Em 12/04 o bushel, para o primeiro mês cotado, alcançou uma das melhores cotações deste ano, fechando em US\$ 10,60. Assim, em pouco mais de dois meses o recuo em seu valor (até o dia 14/06) é de 12,5% ou US\$ 1,33.

Dito isso, vale lembrar sempre que o clima nos EUA será o centro das atenções até o início de setembro. Portanto, ainda há muito tempo, podendo ocorrer reversão no quadro positivo atual. Até o dia 10/06 o plantio da nova safra de soja estadunidense chegava a 93% da área esperada, contra 85% na média histórica. Quanto às condições das lavouras, 66% estão entre boas a excelentes, 28% regulares e 6% entre ruins a muito ruins.

Quanto ao litígio comercial entre EUA e China, as negociações continuam e se espera um acordo em algum momento das próximas semanas. Todavia, as tensões entre os dois países continuam, embora politicamente a reunião positiva entre EUA e Coreia do Norte, na semana que passou, tenha aliviado o ambiente na Ásia e no mundo. Vale lembrar que o presidente dos EUA deu um prazo até este dia 15/06 para que o conflito se resolva, antes de implementar as sanções comerciais contra a China, a qual promete retaliar com a implantação de tarifas sobre as importações de soja e outros produtos estadunidenses.

Por outro lado, em termos comerciais, as exportações dos EUA continuaram fracas, não ajudando a recuperar o mercado da soja. Neste sentido, as exportações líquidas estadunidenses, da oleaginosa, atingiram apenas 164.800 toneladas na semana encerrada em 31/05, ficando 5% abaixo da média das quatro semanas anteriores.

Quanto aos Fundos, na semana anterior os mesmos venderam 35 mil contratos, possuindo então 72 mil contratos em mãos. Pela primeira vez, desde meados de fevereiro, o posicionamento líquido especulativo destes Fundos apresentou um número abaixo de 100 mil contratos abertos no lado da compra.

Enfim, no dia 12/06 foi divulgado o relatório mensal de oferta e demanda do USDA, o qual poucas novidades trouxe. Foi mantida a projeção de safra dos EUA em 116,5 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais para 2018/19 naquele país foram reduzidos para 10,5 milhões de toneladas, ante 11,3 milhões indicados em maio. Em termos mundiais, a safra global de soja foi elevada para 355,2 milhões de toneladas para este novo ano comercial, com o Brasil se tornando, na projeção, o maior produtor

individual de soja do mundo, com 118 milhões de toneladas, enquanto a Argentina ficaria com 56 milhões. Obviamente, será preciso combinar com o clima para que isso venha a ocorrer. Os estoques mundiais de soja estão projetados em 87 milhões de toneladas, contra 92,5 milhões em 2017/18. Enfim, as importações de soja por parte da China foram mantidas em 103 milhões de toneladas para 2018/19. Nota-se que nem mesmo a redução dos estoques finais nos EUA e no mundo na futura safra provocou uma recuperação nas cotações em Chicago.

Na Argentina, até o dia 07/06, a colheita da safra 2017/18 chegava a 91% da área, enquanto a comercialização (até o dia 31/05) atingia a 55% do volume colhido, o qual está estabelecido, agora, em 37 milhões de toneladas, consolidando uma das maiores frustrações de safra de soja do país vizinho.

No Brasil, com a forte intervenção do Banco Central durante a semana, a desvalorização do Real foi controlada e o seu valor veio a R\$ 3,70 por dólar em alguns momentos da semana, acusando uma valorização de 6,3% em relação ao auge de seu enfraquecimento nos primeiros dias de junho.

A soma de uma queda importante em Chicago com a valorização do Real provocou forte recuo nos preços internos da soja nesta semana. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 72,59/saco, enquanto os lotes vieram a R\$ 76,00 e R\$ 76,50/saco, perdendo entre 4 e 5 reais em uma semana. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 63,50/saco em Sinop e Querência (MT) e R\$ 80,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 65,00 em Chapadão do Sul e São Gabriel (MS); R\$ 69,00 em Goiatuba (GO); R\$ 69,50 em Pedro Afonso (TO); R\$ 71,50 em Uruçuí (PI); e R\$ 75,00/saco nas regiões produtoras do Paraná.

Por sua vez, a comercialização da atual safra brasileira, até o dia 08/06, atingia a 71% do total disponível, contra 69% na média histórica. Por Estado da Federação, a comercialização assim se apresentava na data indicada (entre parênteses a média histórica): RS 55% (50%); PR 62% (59%); MT 85% (79%); MS 68% (68%); GO 75% (80%); SP 70% (61%); MG 69% (75%); BA 68% (82%); SC 45% (50%). Nas demais regiões produtoras do país, o percentual vendido girava entre 69% e 87% para a corrente safra (cf. Safras & Mercado).

Quanto à safra nova, que ainda será semeada, o quadro de vendas antecipadas, até o dia 08/06, era o seguinte (entre parênteses a média histórica para o período): Brasil 8,5% (6,5%); RS 6% (3%); PR 15% (4%); MT 5% (10%); MS 2% (7%); GO 5% (7%); SP 5% (3%); MG 16% (6%); BA 8% (8%); SC 5% (2%). As demais regiões produtoras do país (Maranhão, Piauí, Tocantins, Rondônia...) já apresentavam vendas antecipadas entre 15% e 21% para a nova safra brasileira de soja, a ser colhida em 2019 (cf. Safras & Mercado). Nota-se, pela primeira vez em muitos anos, uma mudança de postura do Centro-Oeste brasileiro. O mesmo está bem mais conservador em suas vendas em relação ao restante do país, apostando em uma recuperação de preços futuros que possam superar os valores que o mercado nacional atingiu entre março e maio do corrente ano. Salvo um problema climático importante na atual safra dos EUA, tal comportamento somente poderá vir de uma desvalorização ainda maior do Real com a proximidade das eleições de outubro e, até mesmo, após as mesmas, dependendo do resultado do pleito. Mas é bom não esquecer que o Banco Central tem reservas cambiais e trabalha para impedir que o Real ultrapasse em muito o teto dos R\$ 3,70,

como vimos nesta última semana. Além disso, se o Copom, diante do quadro internacional de juros e da economia interna, vier a aumentar ainda neste ano a Selic, a tendência é de valorização do Real e não o contrário.

Enfim, os preços brasileiros da oleaginosa só não recuaram mais porque a continuidade do litígio entre EUA e China, somado à entressafra nacional, voltou a elevar os prêmios em nossos portos, com os mesmos oscilando entre US\$ 0,55 e US\$ 1,20/bushel no final da corrente semana.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, após ficarem praticamente estáveis durante a semana, registraram recuo na quinta-feira (14), fechando em US\$ 3,63/bushel, contra US\$ 3,76 uma semana antes.

O clima continua favorecendo o desenvolvimento do cereal nos EUA, enquanto o plantio está praticamente encerrado. As condições das lavouras semeadas, até o dia 10/06, apresentavam 78% entre boas a excelentes, 21% regulares e apenas 3% entre ruins a muito ruins.

Ao mesmo tempo, o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/06, não trouxe grandes novidades. O mesmo manteve a projeção de colheita nos EUA em 356,6 milhões de toneladas e estoques finais em 40,1 milhões (contra 42,7 milhões em maio). Para a colheita mundial, o volume projetado foi reduzido um pouco, ficando em 1,052 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais ficariam em 154,7 milhões, contra 159,2 milhões indicados em maio. A produção final brasileira está projetada em 96 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficaria em 41 milhões.

Ajudou a pressionar as cotações a fraca exportação da semana anterior, a qual ficou em 838.000 toneladas. Em contrapartida, a firmeza do trigo em Chicago dá alguma sustentação ao milho, impedindo que o mesmo recue de forma significativa.

No Mercosul, a tonelada FOB de milho fechou a semana em US\$ 174,00 na Argentina e em US\$ 175,00 no Paraguai.

Já no Brasil, os preços do cereal continuaram firmes. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 36,51/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 41,50 e R\$ 42,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 23,00/saco em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 42,00/saco em Videira, Chapecó e Concórdia (SC).

As exportações, que já estavam fracas mesmo com o Real fortemente desvalorizado, nesta semana diminuíram ainda mais diante da revalorização da moeda brasileira. Assim, apesar de haver 370.000 toneladas nomeadas para o mês de junho, os embarques até o final da primeira quinzena ficaram em apenas 140.000 toneladas, preocupando o mercado.

Com a quebra se confirmando na safrinha, a pressão altista sobre o mercado nacional deverá se estender até o final do ano, após uma momentânea estabilização durante a colheita da mesma. Em o câmbio continuando nos atuais níveis, haverá disputa pelo milho nacional entre os exportadores e os consumidores internos.

Segundo analistas, um risco a ser considerado é de que a BM&F não precifique a quebra da safrinha, fato que estimularia as exportações e o desabastecimento interno, gerando dificuldades na virada de ano (cf. Safras & Mercado).

Por enquanto, as exportações encontram dificuldades em avançar igualmente devido a indefinição quanto a tabela de fretes no Brasil, a qual demora para ser definida e, possivelmente, encontrará dificuldades para ser cumprida, qualquer que seja ela. Neste contexto os preços no porto de Santos cederam para R\$ 40,00/saco, enquanto em Paranaguá os mesmos ficaram em R\$ 39,70/saco.

A partir do final de junho a colheita da safrinha começa a ganhar intensidade e o mercado poderá definir um novo caminho. Por enquanto, os consumidores em geral não encontram dificuldades para a composição de estoques, especialmente no Sudeste do país.

Dito isso, a comercialização da safrinha de 2018, até o início de junho, apresentava 42% do volume esperado já negociado, contra 31% no ano anterior nesta época. O volume final da mesma continua sendo projetado em 48,8 milhões de toneladas, contra 67,4 milhões no ano anterior (cf. Safras & Mercado).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago se mantiveram com importantes oscilações durante a semana, fechando a quinta-feira (14) quase rompendo o piso dos US\$ 5,00/bushel ao concluir o dia em US\$ 5,01, contra US\$ 5,26/bushel uma semana antes.

A colheita do trigo de inverno nos EUA está mais avançada neste ano, atingindo 14% da área em 10/06, contra 10% na média histórica para esta data. As condições das lavouras que ainda faltavam ser colhidas eram de 50% entre boas a excelentes, 34% regulares e 16% entre ruins a muito ruins. Quanto ao trigo de primavera, as condições das lavouras indicavam 45% entre boas a excelentes, 35% regulares e 20% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/06, manteve a projeção de produção dos EUA em 49,7 milhões de toneladas para 2018/19, enquanto os estoques finais estadunidenses ficaram em 25,7 milhões. Já a produção mundial de trigo foi reduzida para 744,7 milhões de toneladas, perdendo cerca de três milhões de toneladas em relação a projeção de maio. Os estoques finais mundiais foram aumentados para 266,2 milhões de toneladas, ganhando dois milhões de toneladas sobre maio. A produção da Argentina está projetada em 19,5 milhões de toneladas, com exportações de 14,2 milhões. Já o Brasil deverá colher 4,9 milhões de toneladas em 2018/19 (números bem aquém do que o mercado interno brasileiro espera), com importações ao redor de 7,5 milhões de toneladas.

O mercado externo foi sustentado pela redução na safra mundial, especialmente devido ao clima seco na Rússia e na Austrália.

Ao mesmo tempo, as exportações líquidas de trigo estadunidense, na semana encerrada em 31/05, atingiram a 250.900 toneladas para o ano comercial 2018/19.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 250,00 e US\$ 270,00.

Enquanto isso, no Brasil, a semana iniciou com baixa liquidez, ocasionada pelos custos dos fretes e a indefinição na tabela oficial de fretes. Mesmo assim, ainda há alguma disponibilidade do cereal nacional. Mesmo com a revalorização do Real, após a forte intervenção do Banco Central, os preços de importação do trigo continuam muito elevados, tornando competitivo o produto brasileiro, apesar da forte recuperação dos preços internos nas últimas semanas.

Neste momento, o mercado se volta ao comportamento do plantio e do clima sobre as regiões produtoras. Nesta semana a semeadura do cereal se aproximava dos 40% no Rio Grande do Sul, enquanto no Paraná a mesma caminhava em direção dos 87%. As geadas ocorridas nos últimos dias, e as novas projeções do fenômeno, por enquanto trazem benefícios às lavouras do sul brasileiro. No Paraná, o período crítico se dará especialmente a partir de meados de julho. Vale lembrar que o plantio está atrasado em boa parte do Paraná devido a seca ocorrida no período inicial do mesmo. Com isso, a entrada da nova safra poderá se dar apenas no final de setembro, tornando mais longo o período de preços elevados no mercado interno.

Enfim, é possível que, mesmo com a entrada de uma nova safra normal, os preços não venham a recuar muito caso o câmbio, no Brasil, continuar a manter o Real muito desvalorizado. Todavia, isto poderá ser temperado pela entrada da safra argentina a partir de dezembro, a qual promete ser importante no caso de clima positivo.

Dito isso, a semana terminou com a média gaúcha no balcão registrando o valor de R\$ 41,07/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 54,00 e R\$ 57,00/saco. Nas demais praças nacionais, o Paraná registrou lotes entre R\$ 63,00 e R\$ 72,00/saco, algo inimaginável há poucas semanas atrás. Já o balcão pagou entre R\$ 41,50 e R\$ 43,00/saco. Em Santa Catarina, os lotes ficaram ao redor de R\$ 60,00/saco na região de Campos Novos, enquanto o balcão oscilou entre R\$ 38,00 e R\$ 40,00/saco nas regiões produtoras. Nota-se a defasagem importante entre os preços de balcão e dos lotes nos três Estados produtores, fato que se deve, dentre outras coisas, à importante falta de produto de qualidade superior, na esteira da frustrada safra do ano passado.

Contrariando os números do USDA, a iniciativa privada brasileira projeta que a nova safra nacional de trigo alcance 6,3 milhões de toneladas (1,4 milhão acima do projetado pelo relatório estadunidense de junho), enquanto as importações ficariam em 6,4 milhões, ou seja, 1,1 milhão a menos do que o projeto pelo governo dos EUA. Considerando apenas o Rio Grande do Sul, recentes dados divulgados pela Emater dão conta de uma redução de 3,35% na área cultivada com o cereal (nem mesmo a forte recuperação dos preços nas últimas semanas teria permitido a repetição da área do ano passado). Porém, em clima normal a mesma resultará em uma produção de 1,43 milhão de toneladas, ou seja, 16,7% acima da frustrada safra de 2017.